

Boletim de Ocorrência



Por
Celito De Grandi

007

O vendedor que

O assassinato de uma universitária é o sétimo caso da série que, nos domingos de 2012, vai relembrar crimes que consternaram os gaúchos

O desaparecimento da bela universitária Susana Kipper, 23 anos, sequestrada ao chegar a sua casa, transformou-se em mistério durante quase uma semana e comoveu a comunidade de Santa Cruz do Sul.

Terminou em tragédia, porque ela reconheceu o homem que, de tempos em tempos, chegava vindo da serra gaúcha, para vender roupas e sapatos de porta em porta.



Por volta de 13h30min de quarta-feira, 26 de novembro de 1997, Armando Kipper, 59 anos, viúvo, leiteiro, foi dominado com facilidade pelo homem alto e forte que ele encontrou na residência da família, na Rua Augusto Splenger, Vila Verena, um bairro da classe média próximo à universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc).

O homem, encapuzado e armado com um revólver, ainda perguntou a ele se vivia sozinho, enquanto o amordaçava e o amarrava numa cama.

– Eu disse que morava com minhas duas filhas, e que a esta hora elas estavam na faculdade.

O homem ficou tranquilo, tirou o capuz, apanhou uma cerveja na geladeira e bebeu, antes de revirar móveis e gavetas, em busca de dinheiro.

Kipper olhou melhor e o reconheceu, mas não disse nada.



Estudante do 6º semestre da Faculdade de Psicologia da Unisc, Susana e a irmã caçula, Carine, 15 anos, voltaram para casa pouco depois de 15h, no carro da família, um Gol verde metálico.

Também foram dominadas, perguntaram pelo pai, e o ladrão levou-as até ele.

Logo depois, arrecadou R\$ 600, trancou Carine num dos quartos e fugiu com o Gol, levando com ele Susana, presa no porta-malas do carro.

A Brigada Militar, a Polícia Civil e a Polícia Rodoviária Estadual foram avisadas, montaram barreiras nas saídas da cidade, mas o homem furou o cerco e desapareceu.

Na final da noite de quarta-feira, o Gol foi localizado no centro da cidade de Candelária, distante cerca de 50 quilômetros de Santa Cruz. No interior do automóvel,

estavam a bolsa com todos os documentos, o talão de cheques e os cartões de crédito de Susana Kipper. Uma das alças da bolsa havia sido cortada, e a polícia suspeita de que foi usada pelo assaltante para amarrar a universitária.

A partir daí há uma fantástica mobilização da comunidade nas buscas a Susana. Ficam de lado as comemorações da Christkindfest (Festa de Natal), os colegas de faculdade suspendem a festa de encerramento do semestre e os moradores juntam-se aos 40 policiais da cidade e aos 50 funcionários e 17 veículos cedidos pela prefeitura. Vasculham passo a passo as estradas vicinais por onde o bandido teria fugido.



Na sexta-feira, 28 de novembro, é decretada a prisão preventiva do suspeito pelo sequestro: Sadi Roque Machado, 33 anos, vendedor de roupas, residente em Farroupilha. No dia anterior, 24 horas depois de levar Susana refém, ele foi visto comendo churrasco, na casa de um amigo, em Candelária.

– Temos 12 pessoas que o identificaram como o responsável pelo crime – informou à época o promotor Mauro Rockenbach.

Depois de um angustiante e prolongado fim de semana, quando foram ainda mais intensas as buscas e investigações, o produtor rural Heinz Gewher telefonou para a delegacia de Candelária na manhã de terça-feira:

– O pai passou pela Estrada da Rebentona, próximo à praia das Laranjeiras, e sentiu um cheiro ruim. Não terá a ver com o caso da moça desaparecida?

Aquele lugar havia sido vistoriado 15 vezes. Embora descrentes, os policiais foram conferir. Era terça-feira, 2 de dezembro, 11h30min. Gewher estava certo.

Fazia calor, havia vento, o cheiro forte apareceu.

Susana foi encontrada de barriga para cima, o rosto dilacerado e os cabelos loiros entrelaçados em arbustos partidos. Havia vestígios de uma luta desigual. Ela tinha 1m68cm de altura e cerca de 50 quilos. Sadi, 1m90cm de altura, 110 quilos, ainda portava uma arma.

A polícia e os familiares a reconheceram pela roupa: calça jeans, blusa branca, sandálias pretas e um anel com a letra “S” na mão esquerda.



FOTOS: PAULO FRANKEN, BD 03/12/1997



Corpo de jovem foi encontrado em Candelária (acima), sepultando as esperanças do pai (centro)



Clima de revolta e emoção no enterro da universitária



PAULO FRANKEN, REPRODUÇÃO

Susana Kipper

O crime

Vítima:

Susana Kipper

Época do crime:

Novembro de 1997

Cidade:

Santa Cruz do Sul

Autor:

O vendedor de roupas Sadi Roque Machado

Motivação:

Sequestro e morte de vítima de assalto para evitar a identificação do criminoso

traz a morte

Sadi estava longe quando o corpo da jovem Susana Kipper foi sepultado, às 15h de quarta-feira, no Cemitério Municipal de Santa Cruz do Sul.

O enterro comoveu a população da cidade. O clima era de emoção, tristeza e profunda revolta. As 50 colegas da Faculdade de Psicologia levaram nas mãos rosas brancas e vermelhas e uma faixa parafraseando Guimarães Rosa: ela não morreu, ficou encantada.



O vendedor de Farroupilha deixou o Vale do Rio Pardo na sexta-feira, 28 de novembro. Embarcou num ônibus em Candelária e só reapareceu na manhã de segunda-feira, em Campo Grande (MS). Foi visto na casa de parentes, de onde conseguiu fugir outra vez quando a polícia chegou.

– O cerco está sendo facilitado porque Sadi não conhece a região e tem pouco dinheiro. Ele pode ser preso a qualquer momento – afirmou à época o delegado Rudymar Rosales.

Não foi assim tão fácil.

Só vários dias depois, no anoitecer de domingo, 14 de dezembro, ele foi encontrado na casa de um irmão na cidade missioneira de São Luiz Gonzaga. Antes disso, a polícia de todo o país foi mobilizada, temia-se que ele fugisse para o Paraguai.



Naquela mesma noite, ele foi ouvido e confessou o crime, com enorme frieza. No depoimento, gravado em fita de vídeo, e que se prolongou por quatro horas, Sadi disse que, no dia do sequestro de Susana, saiu de Farroupilha e foi a Santa Cruz do Sul decidido a assaltar a casa de Armando Kipper.

Imaginava que ele guardasse muito dinheiro em casa e pretendia com isso saldar dívidas pessoais de R\$ 10 mil, contraídas com agiotas.

Também confessou ter estrangulado Susana na Praia de Laranjeiras, no interior de Candelária, entre 20h e 21h do dia do sequestro. Com a mão direita, prendeu os braços da estudante. E com a esquerda, apertou o pescoço até ela desfalecer.

Antes de fugir, apanhou os R\$ 50 que a moça tinha na bolsa.

O resultado do laudo oficial do Depar-

tamento Médico Legal confirma o depoimento do vendedor de Farroupilha. O estado de decomposição do corpo de Susana dificultou os exames, mas estes indicaram que ela pode ter sido morta por estrangulamento.



Pouco mais de meio ano depois, na manhã de 2 de julho de 1998, o diretor do Fórum de Santa Cruz do Sul, juiz Gérson Luiz Petry, encerrou o julgamento de Sadi Roque Machado e proferiu a sentença: 38 anos de reclusão. Foi condenado por roubo, extorsão mediante sequestro e morte da estudante universitária. Armando Kipper, pai de Susana, sentiu um alívio e declarou naquela oportunidade:

– Ele tinha de pagar pela desgraça que fez com a minha família.

O vendedor de Farroupilha começou a cumprir a pena no Presídio Central, em Porto Alegre. No dia 13 de fevereiro de 2003, foi transferido para a Penitenciária Industrial de Caxias do Sul. Em março de 2004, passou para o regime semiaberto e, em abril de 2009, para o aberto. Em 2010 esteve quatro meses foragido e, desde 2 de novembro de 2011, vive em prisão domiciliar, em Farroupilha. Procurado por ZH na última quinta-feira, por telefone, Sadi preferiu silenciar sobre o caso.



A família Kipper – Armando e os filhos Flávio, Vilson e Carine – continua a morar em Santa Cruz do Sul, e a cidade permanece solidária a ela. Pergunte sobre o drama de Susana aos homens e mulheres de sua geração, ou aos amigos e ex-colegas, e todos vão narrar a história com um lamento.

– A família ainda sente muito a perda de Susana, mas tentamos seguir a vida – diz Enira da Silva Dummer, 48 anos, companheira de Armando.

O pai de Susana não mora mais na Rua Augusto Splenger. Em 2008, após novo assalto, mudou-se para outra casa e outro bairro, com a companheira. A família chegava de uma festa e foram todos dominados por um grupo de homens armados e encapuzados. Levaram o carro, mais uma vez.

– Depois daquilo, mudamos de casa no dia seguinte – conta Enira.

Desfecho trágico



ZH de 28 de novembro de 1997



ZH de 3 de dezembro de 1997



ZH de 16 de dezembro de 1997

Assassino deu detalhes do crime em entrevista

O repórter Carlos Wagner, de Zero Hora, fez esta reveladora entrevista com o assassino, no dia seguinte a sua prisão, em dezembro de 1997:

Zero Hora – O que ocorreu depois do assalto aos Kipper?

Sadi Roque Machado – Eu coloquei a jovem dentro do porta-malas e fugi. No caminho, um carro da polícia nos seguiu, mas consegui despistá-lo. Duas horas depois, por volta das 16h, parei o carro numa estradinha e a tirei. Eu não sabia o que iria fazer.

ZH – Neste momento, o que aconteceu entre vocês?

Sadi – Ela disse que eu poderia fazer com ela o que quisesse. Então eu aproveitei a oportunidade, ela era uma menina bonita. Eu tirei parte da roupa dela e tentei manter relações sexuais. Não consegui porque havia muita gente por perto. Rasguei um casaco que ela usava e, com as tiras, amarrei as mãos, a amordacei e a coloquei dentro do porta-malas. E parti sem rumo.

ZH – Quanto tempo vocês ficaram ali?

Sadi – Pouco mais de 15 minutos. Não tenho certeza. Estava nervoso e confuso. Não sabia como sair daquela situação. A seguir, rodei até as 21h45min, parei o carro em um mato, abri o porta-malas e fiquei apavorado. A Susana estava toda azulada, porque eu tinha apertado muito a mordaca. Antes de ver o estado dela, eu tinha pensado em pedir um resgate de R\$ 15 mil ao pai dela. Mas, vendo como ela estava, fiquei com medo e pensei em simplesmente tirá-la dali e ir embora. Mas daí eu pensei: ela me conhece, vai me identificar. Não posso deixá-la assim.

ZH – Foi neste momento que o senhor decidiu matá-la?

Sadi – Eu não tinha outra saída. Ali mesmo, dentro do porta-malas, eu comecei a apertar a garganta dela.

ZH – Ela não reagiu?

Sadi – Não. Ela estava meio tonta. Mas esperneou muito. Depois, eu tirei o corpo do porta-malas, joguei no mato e deixei o carro perto do centro de Candelária.